

THOREAU, H. D. Walden.

Porto Alegre, RS: L&PM, 2019, 336 p.
ISBN: 978-85-254-2060-2

O reflexo da natureza às margens do Walden

A leitura do livro Walden é um convite a mergulhar dentro da essência do que é a natureza. É ir no que há de mais profundo da existência humana e de tudo que a cerca como um *continuum* interdepende, aventurar-se nas matas escuras e desconhecidas do ser.

Thoreau leva o leitor à auto-reflexão por meio da narrativa de sua própria experiência de retirar-se do mundo “comum” e externo, para um convívio maior com o mundo natural e interno.

As narrativas de Thoreau mostram a ambiguidade de um ser sensível ao que é natural e capaz de revelar e perceber minúcias e detalhes de riquezas nas paisagens que o cercam, mas demonstra ao mesmo tempo uma pessoa avessa a muitas conversas, com um temperamento inadequado e por vezes anti-social, com um humor ácido e uma sinceridade que beirava à grosseria, “um caminhante que nunca foi pedestre” (p. 6), alguém que não buscava viver uma vida que agradasse aos outros, mas que tinha como objetivo a autenticidade.

O presente texto traz uma análise a partir de cada capítulo do livro Walden, dada a riqueza e importância revelada em cada um deles. Ao longo do texto o autor retoma pontos e temáticas muitas vezes desenvolvidas em capítulos anteriores atribuindo-lhes novas nuances num encadeamento de idéias entrelaçadas na tecidura da natureza.

Em “Economia” Thoreau aponta o quanto o homem se perde na ilusão da conquista de bens materiais, em tesouros que serão corroídos pelo tempo, vivendo uma vida de tolo, e que apenas ao final da vida alguns tomam consciência de quanto tempo perderam por algo que não valia a pena. Desta forma ele faz uma dura crítica ao consumismo desenfreado, ao capitalismo, e complementa que esta é também uma forma de escravidão que impede o homem de compreender a sua verdadeira natureza.

Defendia a liberdade e uma vida simples. De que o homem deveria ter um espírito questionador que não se contentasse com idéias antigas

enformadas, formadas, deformadas ou mofadas, mas sim contestar o sistema, sem se acostumar ou resignar com aquilo que lhe fosse imposto.

Outro ponto marcante na obra de Thoreau é sobre o tempo, o aproveitar a experiência do momento presente, o ensinamento e a riqueza que cada amanhecer e anoitecer oferecem, conforme ele esboça no trecho a seguir: “A qualquer tempo, a qualquer hora do dia ou da noite, eu ansiava em penetrar na cunha do tempo e também cunhá-lo com meu bordão: colocar-me no cruzamento de duas eternidades, o passado e o futuro, que é exatamente o momento presente: pôr-me ali pleno e pronto” (p. 29).

Segundo a análise feita por Thoreau as necessidades básicas e essenciais à sobrevivência do homem é a necessidade de alimento, de abrigo, de roupas, de água, de aquecer e de habitação. Estas devem ser buscadas para servir ao homem e não o homem passar a sua vida a serviço destas necessidades, portanto a importância de uma vida simples e austera. Viver com o necessário, para que não fique preso a uma vida cheia de coisas e vazia de sentido. Buscar a inocência e pureza das crianças, alegrar-se com o pouco, rir mais, estar ao ar livre, plantar o próprio alimento. Thoreau não articula uma definição de natureza, mas, mostra que devemos ter este olhar virginal e infantil diante dela.

De acordo com Thoreau o que caracteriza o homem é a sua natureza natural. Para ele a natureza é a nossa morada e o nosso destino. Porém quando o homem se divorcia do reino vegetal, mineral e animal ele se distancia de sua origem. Ao não se reconhecer na natureza o homem não se reconhece como natural e daí o homem se equivoca e distancia de sua essência. Segundo Thoreau a saída possível para que esta situação possa ser mudada é o autoconhecimento. Para ele é a partir do cuidado de si que o indivíduo colherá os elementos essenciais da sua natureza que foi esquecida devido ao excesso de consumo.

“Onde e Para que Vivi” revela um ponto importante delineado por Thoreau, o da imaginação, muito comum também às crianças e associado à criatividade. A capacidade de fantasiar e visitar lugares ainda não palpáveis aos olhos físicos, mas presentes nos sonhos e na imaginação. Construir casas, casebres ou castelos, antes mesmo de se fazer as bases da fundação. Quantas lindas paisagens guardadas em nossa mente servem de refrigério em momentos de tensão. Como é bom tê-las em lugares tão seguros que nem mesmo as queimadas, demolições ou poluições podem destruir. Nas raízes de nossa memória, modeladas em versos, ou emolduradas em quadros elas estarão sempre vivas e vibrantes.

Segundo Thoreau a casa diz muito sobre aquele que nela habita, ela brota de dentro pra fora, e convida à reflexão: de onde estamos nos plantando e nos olhando, apresentando desta forma, uma relação dialética com a morada: “Com

esse abrigo mais substancial sobre mim, eu tinha feito algum progresso para me estabelecer no mundo. Essa estrutura tão levemente revestida, era uma espécie de cristalização em volta de mim, e reagia sobre o construtor” (p. 91).

Ao falar de paisagem, Thoreau se transforma na paisagem, ele se integra com ela, ambos são uma coisa só, o que se chama de não dualidade com o mundo natural. Outro ponto central para ele é a renovação e o despertar. Segundo ele cada manhã é uma nova oportunidade de recomeço, de “redespertar e nos mantermos despertos”, de não apenas olharmos, mas vermos com novos olhos (p. 95). Ele critica a vida mesquinha que a grande maioria dos homens vivem, em uma “miséria supérflua e desnecessária” e complementa: “nossa vida se perde no detalhe” (p. 96). A recomendação que ele dá para uma vida feliz é “simplicidade, simplicidade, simplicidade”, “simplifiquem, simplifiquem, simplifiquem”, e prossegue “uma economia rigorosa, uma simplicidade de vida inflexível e mais que espartana, e a elevação de propósitos” (p 97).

Em “Leitura” Thoreau aponta a importância da leitura e da escolha de livros clássicos que lhe serviam de companhia e que tais leituras são capazes de criar as condições de formação de caráter e de liberdade aqueles que lêem e aprofundam em boas obras literárias: “embora estivesse fora do raio da biblioteca circulante normal, mais do que nunca eu entrara no raio de influência daqueles livros que circulam pelo mundo” (p. 103) e ainda, “Uma palavra escrita é a mais valiosa relíquia, é a obra de arte mais próxima da vida” (p. 106).

Em “Sons”, Thoreau expressa a necessidade de estar sempre alerta e que nenhum método ou disciplina pode substituir esta necessidade. Que é preciso ser um vidente do próprio destino, vislumbrar o que está à frente e ir em direção ao futuro. É preciso estar sempre atento a tudo que está a sua volta. Atenção a si mesmo, ao outro e à natureza. Olhar sempre o que há para ser visto e ver para além.

“Solidão” apresenta a metamorfose do homem com a natureza, uma relação de não dualidade, tendo no viver junto à natureza uma possibilidade de reintegração e purificação dos sentidos, pois segundo Thoreau: “Não há como existir nenhuma negra melancolia para quem vive entre a Natureza e tem serenidade dos sentidos” (p. 131) e complementa, “gosto de ficar sozinho. Nunca encontrei uma companhia mais companheira do que a solidão. Em geral estamos mais solitários quando saímos e convivemos com os homens do que quando ficamos em nossos aposentos”. Desta forma o autor convida à reflexão sobre as relações superficiais que não se aprofundam e nem se respeitam. Não são produtivas e se tornam encontros meramente sociais, sem raízes. Sendo assim a própria companhia torna-se muitas vezes menos solitária do que estas relações.

“Visitas” apresenta a sutileza de quem não busca agradar aqueles que recebe em sua morada com grandes refeições, suntuosidade ou pompa. Mas a razão da visita é o próprio morador. A conversa é o alimento. A prosa é o sustento, daí a importância de uma conversa produtiva. Thoreau resgata a importância do diálogo e da escuta, mas elogia também o silêncio e a distância: “Para gozar a mais íntima companhia com aquilo dentro de nós que está acima ou além de nossas palavras, temos não só de manter o silêncio, mas geralmente guardar uma distância física que, de qualquer maneira, impediria ouvir a voz do outro” (p. 140).

O “Campo de Feijão” mostra-se como o ápice do livro principalmente no trecho: “o que hei de aprender sobre o feijão e o feijão sobre mim” (p. 152). Ele enfatiza sobre cultivar o feijão e ao mesmo tempo se auto cultivar. A natureza se auto conhecendo à partir de Thoreau. Uma integração plena, em que não se sabe onde começa um e onde termina o outro. Um contemplar a natureza por meio da sacralidade da agricultura, o cultivo e o cuidado com a terra numa extensão do cuidado de si, o cotidiano como a possibilidade primeira de encantamento com o mundo. Há uma harmonia tamanha relatada entre Thoreau e a natureza que tudo funciona como uma sinfonia, sons, cheiros, lembranças de acontecimentos de gerações passadas se encaixam para ornar a melodia da vida como pode-se perceber no trecho a seguir:

Enquanto eu aleirava as carreiras com minha enxada perturbava as cinzas de nações desconhecidas que, em anos primevos, viviam sob estes céus, e seus pequenos implementos de caça e guerra eram trazidos à luz deste tempo moderno. (...) Não era mais feijão que eu carpia, e nem era eu que carpia feijão: e com pena e orgulho lembrava, se é que lembrava, meus conhecidos que tinham ido à cidade para assistir aos oratórios (p. 155).

Um dos inúmeros questionamentos que Thoreau faz ao longo desta obra e de uma maneira brilhante neste capítulo é: “porque nos preocupamos tanto com nossas sementes de feijão, e não nos preocupamos minimamente com uma nova geração de homens?” (p. 160). Desta forma ele aponta que o ser humano se preocupa muita mais com aquilo que pode juntar de bens materiais, com as posses, do que com a essência. Que ao invés de se perder em semear fortunas os homens deveriam aprender a plantar as sementes das virtudes: da sinceridade, da verdade, da simplicidade, da inocência.

Thoreau ressalta que para os poetas e para a mitologia da antiguidade a agricultura era uma arte sagrada. Lavrar a terra, era uma reverência à natureza, era cuidar dela e de si, porém com o passar do tempo o que, se vê é uma

paisagem deformada a agricultura é degradada junto como o agricultor. Ao invés de cuidador o agricultor se torna ladrão da terra que produz (p. 160-161). A temática já discutida na época que foi escrita é ainda mais atual hoje, em que vemos tantas devastações e a terra sangrando por tantas invasões e desrespeito, cada vez mais explorada em virtude do lucro e do capital, tendo suas forças sugadas ao máximo para produzir cada vez mais, de forma inconsequente e desregrada, em queda livre rumo ao precipício.

A “Cidade” é esboçada por Thoreau como o espaço de descaracterização do ser natural, o lugar de esquecimento de si e subalternização do outro (natural e cultural). Na cidade o ser se reveste de máscaras e se submete a rituais que muitas vezes contraria à sua essência simplesmente para se enquadrar à sociedade, desta forma se torna prisioneiro das aparências. Thoreau faz duras críticas aos sistemas de controle sociais e diz que é preciso se tornar livres deles, despertar para o que se é de verdade, para o ser natural, sair da superfície. Segundo ele, é preciso se perder para se encontrar, as ambigüidades e dualidades intrínsecas no autor e em cada ser humano, conforme podemos observar no trecho a seguir:

Todo homem precisa reaprender os pontos cardeais a cada vez que desperta, seja do sono ou de alguma abstração. Só quando nos perdemos, em outras palavras, só quando perdemos o mundo é que começamos a nos encontrar, entendemos onde estamos e compreendemos a infinita extensão de nossas relações (p. 167).

Thoreau apresenta dicas sobre a Pedagogia do Cuidado Integral, pela natureza e pelo homem por meio de medidas radicais e mudanças de atitudes e posturas de vida, na qual todos vivessem com o necessário e praticassem a partilha, a simplicidade e a solidariedade, em que pensassem e vivessem de forma a se preocuparem com a totalidade e não apenas consigo mesmo. “Tenho a convicção de que se todos os homens vivessem com a simplicidade que eu vivia na época roubos e furtos seriam desconhecidos. Estes acontecem apenas em comunidades onde alguns tem mais do que o suficiente enquanto outros não tem o necessário” (p. 168).

“Os Lagos” revela a face encantada da natureza. O saborear uma fruta plantada e colhida no pé, sentir seu cheiro, cor e textura natural, sem agrotóxicos, sem as perdas e danos causados pelo trajeto até à feira.

Diante do lago tudo se transforma, há uma epifania com a natureza, a natureza se conhece e reconhece no homem e vice versa. Há um afloramento da consciência.

A experiência as margens do Walden transcendem ao terreno, se tornam uma experiência espiritual, religiosa, para além dos muros institucionais, é um louvor constante ao sagrado por meio da religação do homem ao seu ser natural, à contemplação do templo mãe, da natureza ao seu redor, o lago se torna um espelho no qual o reflexo de sua verdadeira natureza pode emergir e tudo à sua margem se torna um convite e oportunidade de constante despertar.

Um lago é o traço mais belo e expressivo da paisagem. É o olho da terra; fitando dentro dele o observador mede a profundidade de sua própria natureza. As árvores fluviais perto da margem são os finos cílios que a franjeiam, e as colinas e os despenhadeiros arborizados ao redor são os sobrecílios em relevo (p. 181).

Em Walden, há uma relação de integração e não dualidade entre o homem e o lago. Em muitos momentos não se sabe se quem fala é um ou outro, tamanha a simbiose entre eles. Eles se amam, se conhecem, se identificam. Há uma paixão que não se deteriora com o tempo, mas aumenta, se transforma e os transforma com o passar dos anos. Traz histórias e trajetórias de vida de cada um. Os cursos percorridos pelo lago transcorrem nas veias das lembranças do homem que por ele se encantou tanto que para se re-encontrar retorna às suas margens para buscar na essência da inocência infantil a pureza do olhar virginal sobre a natureza e sobre si mesmo. Walden é um personagem, ele tem vida própria, não é algo, é alguém dotado de vida e de formas. “Entre todos os personagens que conheço Walden é talvez o que melhor porta e preserva sua pureza. (...) Ele em si continua inalterado, a mesma água que meus olhos fitaram na juventude: toda mudança se deu em mim. Após todas as suas ondulações ele não adquiriu nenhuma ruga permanente. É eternamente jovem...” (p. 186).

Em “Baker Farm” Thoreau relata que preferia muitas vezes visitar árvores raras que grandes eruditos, pois aprendia muito mais com aquelas do que com estes. Denuncia a escravidão, a guerra e a vida supérflua de sua época e conclui que “um homem não precisa estudar história para descobrir o que é melhor para cultivar a si mesmo” (p. 198).

Segundo Thoreau a vida deveria ser vivida com simplicidade e como uma aventura única, cada dia como a oportunidade de um novo aprendizado, uma nova lição, porém, a vida do homem é lançada dia após dia como uma rotina seqüencial, sem êxtases, contemplações, espantos e descobertas. É como se o homem vivesse um sono profundo em que perambula pela vida tal qual “zumbis” automatizados sem dela sorver sua beleza.

Os homens retornam docilmente à casa de noite, vindos do campo próximo ou da rua ao lado, onde o doméstico ecoa como fantasma e suas vidas definham porque respiram apenas a própria respiração: suas sombras matinais e noturnas se alongam mais do que seus passos diurnos. Devíamos chegar em casa vindos de longe, de aventuras e perigos, de descobertas diárias, com um novo caráter e com novas experiências (p. 201).

Em “Leis Superiores” Thoreau fala sobre o instinto existente em si para uma vida mais elevada e que o mesmo ocorre com outros homens. Ou seja, nosso ser anseia por algo além do que nossos olhos são capazes de ver, nossos lábios de falar e nossas mãos de tocar, nossa alma tem sede do transcendente, do espiritual. Em contrapartida há em nós um outro instinto, nomeado pelo autor como primitivo ou selvagem. Um caráter aventureiro e feroz. Ele relata reverenciar e vivenciar ambos. O bom e o feroz. A pulsão presente em cada ser humano, ser de contrários: sombra e luz, bem e mal, morte e vida, ambigüidade presente na formação da humanidade, ser de contrastes.

O autor pontua ainda a importância da experiência, de viver na prática junto à natureza, de não apenas aprender sobre ela nos livros ou relatos alheios, mas de sentir e ser um com ela, e que nada é capaz de substituir a vivência. Convida a não sermos meros viajantes e coadjuvantes na vida, mas autores e protagonistas da própria história, pois “quem se limita a ser simples viajante aprende as coisas de segunda mão e pela metade, e pouca autoridade tem no assunto” (p. 204).

Com sutileza poética ele fala sobre a onipotência da bondade e a contemplação da esperança junto à natureza e que ela toda é uma orquestra de louvor e agradecimento à vida como vemos nos trechos a seguir:

Toda natureza se congratula com você, e por alguns instantes você tem motivos para sentir-se abençoado. Os maiores valores e ganhos são os mais difíceis de ser apreciados (p. 209). Nossa vida toda é alarmantemente moral. Nunca há um instante de trégua entre a virtude e o vício. A bondade é o único investimento que nunca falha. Na música da harpa que freme por todo o mundo, é a insistência nisso que nos faz vibrar (p. 210).

“Vizinhos Irracionais” delinea todos os seres que a visão do autor conseguiu captar as margens do Walden onde viveu por dois anos, e ele relata se surpreender com a quantidade de criaturas que vivem livres e selvagens nas matas e não são vistas nem sequer de relance pelos seres humanos. Thoreau diz

que é necessário ter olhos abertos, serenos e puros, adultos, mas, inocentes, com uma sabedoria purificada pela experiência.

“Aquecimento e Inauguração” relata a construção da lareira na morada de Thoreau. Ele considerava a lareira como a parte mais vital da casa e por isso demorou muito em sua construção. Cada elemento em sua casa traz um significado para além do que pode ser visto de imediato, traz ensinamentos e lições profundas sobre a existência e sobre o ser que nela habita, como nota-se na passagem a seguir: “A lareira, em certa medida, é uma estrutura independente, que se apóia no chão e, atravessando a casa, se eleva aos céus: mesmo quando a casa se incendia, às vezes ela ainda permanece, e sua importância e sua independência são evidentes” (p. 231).

Em “Antigos Habitantes e Visitas Invernais”, o autor relata que recebeu poucas visitas durante o período de inverno, mas que isto não o impediu de fazer suas caminhadas, nem mesmo o gelo e o clima desfavorável o impedia de realizar suas tarefas. Reforça que “o humor é a pólvora que dá vigor à alma, mas a maioria da humanidade é estranha ao humor, como os índios à pólvora” (p. 249).

Delineia de forma singela e poética em palavras, suas conversas com a personificação do sagrado, com o divino, que não estava vinculado a nenhuma instituição e era livre de nascimento, “o homem de manto azul, cujo teto mais adequado é a abóboda celeste que reflete sua serenidade”. Ele era seu companheiro nos dias de inverno em que até mesmo os animais se mantinham distantes e a natureza a seu redor estava encoberta pela neve, e com seu intelecto acolhedor realçava a beleza da paisagem pois parecia que o céu e a terra se unia quando se estava em sua presença. Thoreau o define da seguinte forma: “Um verdadeiro amigo do homem: praticamente o único amigo do progresso humano. Uma Velha Mortalidade, ou melhor, Imortalidade, com paciência e fé inesgotáveis tornando clara a imagem gravada nos corpos dos homens, monumentos falhos e desfigurados de Deus” (p. 256).

“Animais de Inverno” traz os ruídos dos animais que partilhavam da rudeza do inverno: a raposa, os esquilos, os gaios, a matilha de cães, os ratos silvestres, a perdiz e o coelho e até o gemido do gelo, visto que o Walden para o autor era um personagem vivo e toda a natureza ao redor tinha uma linguagem própria que era entendida e interpretada por ele.

Como sons na noite e em muitos dias de inverno, eu ouvia a noite triste, mas melodiosa de um mocho orelhudo a uma distância indefinida: um som como emitiria a terra congelada se vibrasse uma palheta adequada, a própria língua vernácula da Mata de Walden, com a qual acabei me

familiarizando, mesmo sem nunca ter visto o pássaro enquanto soltava seus uivos (p. 259).

Em “O Lago no Inverno” a natureza leva o autor a questionar-se sobre a vida, porém ele chega à conclusão que “a Natureza não faz nenhuma pergunta e não responde a nenhuma que fazemos nós mortais” (p. 268). Ela convida a ir Avante, a contemplar o milagre do espetáculo que o universo oferece a cada amanhecer e anoitecer. Thoreau demonstra gratidão por Walden ser um lago puro e profundo, como um símbolo que remete ao infinito.

“Primavera” apresenta os fenômenos do ano se reproduzindo no lago. “O dia se mostra como uma síntese do ano. A noite é o inverno, a manhã e o entardecer são a primavera e o outono, e as horas ao redor do meio-dia são o verão. O romper e o estalar do gelo indicam uma mudança de temperatura” (p. 286). Um paralelo também pode ser feito com as estações da vida. A infância é como o verão em que toda a energia, alegria e pureza estão em vigor pleno, a primavera com a adolescência e juventude, repleta de cores, perfumes, descobertas, utopias e aventuras. O outono é como a fase adulta, momento de troca das folhas, aprendizado, sabedoria. O envelhecimento é como o inverno, o fim do ciclo para um novo recomeço. O homem interligado à Natureza e às suas estações em constante metamorfose e crescimento intelectual, biológico e espiritual.

Neste capítulo, o autor fala ainda da importância de transgredir os próprios limites, de ser “extravagante”, ultrapassar as cercas que prendem os pensamentos, de buscar novos propósitos de vida, de renovar as forças e os objetivos, de despertar. “Precisamos ver transgredidos nossos próprios limites, e alguma vida pastando livremente onde nunca pisamos. Reconfortamo-nos ao ver o abutre se alimentando da carniça que nos enoja e desgosta, e desse repasto extraindo força e saúde” (p. 300).

“Conclusão” é uma síntese geral da proposta lançada por Thoreau. Uma obra a qual não traz respostas prontas e elaboradas, e nem parece ser este o objetivo do autor, ao contrário, ele busca desconstruir as certezas. Causa incômodo, lança questões. Traz à tona as ambigüidades inerentes à existência humana no constante jogo de contrastes. Convida o homem a ser caçador de si: “caça mais nobre seria o próprio eu: dirige teu olhar para dentro de ti e mil regiões encontrarás ali” (p. 302).

Conclui que o motivo pelo qual deixou a mata foi o mesmo que o levou para lá. O tempo de experiência e aprendizado que necessitava naquele espaço já havia se encerrado, a rotina se instalava e ele precisava voltar e transbordar o que havia aprendido aos outros que havia deixado para trás. A sua luta maior é contra o conformismo, contra uma vida cômoda e igual às demais. Cada vida

deve ser única e repleta de sentido e significado singulares. Reforça esta idéia ao dizer: “Aprendi com minha experiência que se o homem segue confiante rumo a seus sonhos e se empenha em viver a vida que imaginou, ele terá um sucesso inesperado em momentos comuns” (p. 305).

Retorna à temática do cuidado com a vida, consigo, com o outro, com a natureza e com as atitudes. Que quanto menos dependente de bens materiais for o homem, mais livre ele se torna. Que tal como as plantas, as amizades e as relações de uma maneira geral precisam ser cultivadas, regadas e alimentadas. É necessário neste mundo turbulento de coisas o cultivo da hospitalidade verdadeira, do acolhimento e aconchego junto ao outro. É preciso mudar, renovar, acordar do sono profundo, despertar quantas vezes for necessário para se viver de forma livre e plena: “Cultive a pobreza como uma horta, como a sálvia do sábio. Não se incomode muito em ter coisas novas, sejam roupas ou amizades. Tome-as do avesso; retorne a elas. As coisas não mudam; mudamos nós. Venda suas roupas, conserve seus pensamentos” (p. 310).

Walden não é um livro para ser lido de uma única vez, num único fôlego, nem tampouco uma única vez. Ele é um livro pra ser saboreado aos poucos, sorvido lentamente, linha a linha, capítulo a capítulo. Requer uma imersão interna e um comprometimento com o que se lê. Caso tenha-se a pretensão de lê-lo de uma só vez corre-se o risco de achá-lo uma leitura romanceada, pobre e prolixa, ou sentir-se perdido e confuso frente a tantos questionamentos. E em momentos distintos da vida ele também pode revelar novos ensinamentos antes não percebidos.

Por fim, Walden é um chamado à imersão na sacralidade, imbuída nos grãos da terra entre os dedos dos pés e nas fissuras do gelo que estalam durante a noite. O eco divino no canto dos pássaros ou nos sons sombrios das corujas. É a revelação da impressão das digitais de Deus presente nas plantas, nos animais e no ser humano. Uma oportunidade de se auto-conhecer e reconhecer na Natureza...de despertar...

Ana Lúcia de Araújo Portes

Doutoranda em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora / MG – Brasil

E-mail: alaportes77@gmail.com